

Pintura de Sara Afonso na Galeria de Março

Um pouco afastada das multidões da cidade, na avenida de António Augusto de Aguiar, a Galeria de Março, com sua sala pequena e discreta, continua a demonstrar espírito de acção bem orientada. A iniciativa tão útil da sua série de pequenas exposições de trabalhos dos mais representativos dos nossos artistas modernos serve não só um bom sentido de apuramento de valores mas também as naturais exigências de uma necessária missão divulgadora.

Estivemos lá ontem para ter o gosto de um encontro com a pintura de Sara Afonso. Há dez anos que não víamos obras suas em exposições e este afastamento do publico, embora não a tornasse esquecida, reduzia o exacto interesse e a verdadeira expressão do nosso movimento artistico. Sara Afonso tem lugar especial na pintura portuguesa contemporanea e a condição essencial desta exposição se não é a de relembrá-la nas amplas dimensões da sua personalidade é, pelo menos, a de evidenciar que ela permanece como um dos mais belos e vigorosos e originais temperamentos de artista entre quantos, desde sempre, têm enriquecido as tradições da nossa pintura e tornado notavel o período decisivo da sua vitoriosa conquista de horizontes.

Constituida por quadros de épocas diversas, esta exposição permite, por si só, avaliar o curioso itinerário do instinto criador de Sara Afonso e a sua insatisfação na procura de fórmulas que levem a sua maneira ao melhor nível das suas admiráveis possibilidades. Entre os documentos do tempo do retrato de David Benoliel e o excelente auto-retrato sente-se a evolução de um conceito de pintura construida que se apressa na segurança da simplificação e se valoriza de força sugestiva sem desvios na firmeza do seu caracter definidor e fundamental. Nos quadros de composição mais se acentua a aliança feliz da «sabedoria da cor plasticamente acertada» com as revelações de um sentimento interpretativo do mundo infantil, imaginoso, puro e simples, que dá, justamente, ensejo a José Augusto França para invocar, nas palavras que escreveu para o catálogo, a maravilhosa naturalidade de atitude dos «primitivos modernos».